

HEIDEGGER E PLATÃO

Erildo Stein*

SÍNTESE – O artigo pretende explorar, em traços amplos, o papel que representou para Heidegger a leitura de Platão. O filósofo abordou obras centrais de Platão em duas perspectivas: de um lado, é tentada uma leitura surpreendente a partir de Aristóteles, o que passa a revelar um ângulo inusitado e muito produtivo para a obra de Heidegger. De outro lado, este recorre a Platão para uma interpretação diacrônica de toda a metafísica ocidental. Temos, assim, o autor da *República* situado nas origens do encobrimento da questão do ser.

PALAVRAS-CHAVE – Heidegger. Platão. Metafísica.

ABSTRACT – The paper discusses, in broad outline, the importance for Heidegger of his reading of Plato. The German philosopher approached some of Plato's main works from two perspectives: on the one hand, a surprising interpretation from an Aristotelian point of view is attempted, which reveals a previously unnoticed and very prolific angle of Heidegger's work. On the other, he reaches out for Plato for a diachronic interpretation of western metaphysics in its entirety. We thus have the author of "The Republic" located at the origin of the concealment of the issue of being.

KEY WORDS – Heidegger. Plato. Metaphysics.

I

Não é fácil avaliar a importância que os diversos filósofos tiveram para o desenvolvimento da obra de Heidegger. Existe uma discussão de longa data sobre qual dos dois filósofos, Aristóteles ou Kant, foi determinante, de modo absoluto, para o desdobramento das questões nucleares do pensamento do filósofo.

Provavelmente, pressuposta uma influência difusa da filosofia transcendental, Aristóteles foi o filósofo em que Heidegger descobriu a possibilidade do desenvolvimento dos conceitos da analítica existencial, da questão do ser como tal e da aplicação construtiva da fenomenologia a uma obra filosófica.

Entretanto, mesmo que seja inegável que Aristóteles é o filósofo de Heidegger, Platão ocupa um lugar privilegiado.

* Doutor. Professor do Departamento de Filosofia da PUCRS.

II

Numa obra escrita durante 50 anos e que se aproxima de 100 volumes, na edição da obra reunida, o exame da obra de Platão se restringe aos anos 20, portanto, ao contexto da elaboração de *Ser e tempo*.

Os diálogos que foram objeto de análise de Heidegger são *Fedro*, *Teeteto*, *República*, *Sofista* e *Parmênides*.

Para abordá-los, o filósofo tinha diversos elementos conduzindo sua leitura:

- a. um conceito original de interpretação;
- b. uma convicção de que era preciso encontrar o verdadeiro lugar para cada filósofo;
- c. uma redefinição do conceito de filósofo;
- d. um objetivo específico buscado na investigação, a questão do sentido do ser;
- e. a onipresença dos conceitos de *alétheia* e da verdade;
- f. o uso original do método fenomenológico;
- g. uma visão histórico-evolutiva da história da filosofia;
- h. o texto deve ser visto em função da situação atual da filosofia.

Como veremos, a leitura e a interpretação dos diálogos de Platão, no horizonte deste modo de proceder de Heidegger, assume uma função extremamente produtiva, e os diálogos tornam-se textos expostos sob ângulos muito novos de surpreendente profundidade.

Durante dez anos, Platão torna-se uma espécie de centro de avaliação de conceitos produzidos no todo do trabalho filosófico de Heidegger, na leitura de outros autores e na criação de momentos teóricos inovadores. Desse modo, os diálogos são vistos como a produção mais surpreendente e grandiosa da história da filosofia e, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, uma espécie de lugar onde nascem temas e conceitos ainda não inteiramente claros, como gigantes vindos da noite, cuja forma será definida no mundo claro de Aristóteles.

III

O primeiro autor citado por Heidegger em *Ser e tempo* é Platão. Trata-se da famosa passagem do diálogo *Sofista*: “Pois, certamente, já estais, há muito tempo, familiarizados com o que quereis dizer propriamente, quando usais a expressão ‘ente’. Nós, entretanto, acreditávamos um dia compreendê-la, agora, porém, entramos em aporia” (Heidegger, 1949, p. 2). Menos de dois anos antes, o filósofo desenvolvera uma vasta interpretação do *Sofista*, numa preleção do semestre de inverno de 1924/25. É desta preleção que ele também traz a segunda referência a Platão, citando apenas o fragmento de uma frase: “O primeiro passo filosófico na compreensão do problema do ser consiste em *mythón tina dieegeîsthai*, ‘não contar histórias’, isto é, não determinar, em sua origem, o ente enquanto ente através do retorno a um outro ente, como se o ser tivesse o caráter de um ente possível” (Heidegger, 1949, p. 9). No comentário em que está situado este fragmento, se resume, de certo modo, toda a tarefa futura do pensamento de Heidegger. Depois,

Ser e tempo não se referirá mais a Platão. Dos antigos, Aristóteles irá ser a grande referência para o desenvolvimento da obra.

Platão ocupa um lugar importante na obra de Heidegger, no período que vem imediatamente antes e depois de *Ser e tempo*. No curso desenvolvido a partir de 1924, Heidegger interpreta o *Sofista* de Platão de modo sistemático a partir da obra agora publicada com o título *Platão: Sofista* (Heidegger, 1992). A interpretação é precedida de uma análise de aproximadamente duzentas páginas, que se ocupam com análises de Aristóteles. Essas análises já representavam temas importantes que o filósofo desenvolvia desde 1921. Trata-se, sobretudo, de passagens da *Ética a Nicômaco*, *Sobre a alma*, e da *Metafísica*, passando por alguns aspectos das *Categorias*, da *Intepretação* e da *Física*. Esses textos constituíam a base de um projeto que o autor pretendia desenvolver em três volumes sobre Aristóteles. São, portanto, análises que delimitam propriamente o projeto filosófico do autor, nos anos 20, antes de *Ser e tempo*. Depois da interpretação do *Sofista*, Heidegger completa o estudo dessa obra de Platão com um recurso ao *Fedro*, que também é interpretado com um objetivo específico: mostrar a posição de Platão diante do *lógos* e da retórica.

Heidegger justifica o seu modo de proceder, afirmando o seguinte:

Se quisermos penetrar no verdadeiro trabalho filosófico de Platão, então temos que ter a garantia de que, desde o começo, escolhemos o acesso adequado, isto é, precisamente de que nos vamos topar com aquilo que aí não está explícito. Para isso, nós precisamos de um *fio condutor*. Até hoje, é habitual interpretar a filosofia platônica da seguinte maneira: progride-se de Sócrates e dos pré-socráticos em direção de Platão. Queremos encetar o caminho inverso, de Aristóteles de volta para Platão. Este caminho não é estranho. Ele segue o antigo princípio da hermenêutica de que, na interpretação, se deve ir do claro para o obscuro. Fazemos a pressuposição de que Aristóteles compreendeu Platão. Mesmo quem conhece Aristóteles de modo primário, verá, desde o nível do trabalho de que não é ousado pensar que Aristóteles compreendeu Platão e de como devemos falar em geral sobre a questão da compreensão: os que vêm depois compreendem melhor os que os antecederam e melhor do que eles se compreenderam a si mesmos. Justamente nisso reside a dimensão elementar da pesquisa criadora: que ela não se compreenda a si mesma no essencial. Portanto, se quisermos penetrar na filosofia platônica, vamos fazê-lo conduzidos pela filosofia de Aristóteles" (Heidegger, 1992, p. 11).

IV

Temos, então, por indicação do próprio Heidegger, o modo de proceder com relação à interpretação de Platão. É claro que, num primeiro momento, poderíamos pensar que a passagem que lemos acima representa apenas uma estratégia do filósofo para sua interpretação. Ela, no entanto, nos mostra que Heidegger já havia descoberto o fio condutor que o levaria até sua obra fundamental, *Ser e tempo*. Sem aprofundarmos a questão aqui, podemos dizer que Heidegger tinha dois objetivos para desenvolver a questão do sentido do ser. O primeiro consistia em aproximar o *lógos* do *aletheuein*. O segundo, encontrar a estrutura originária

do ser-aí como ser-em (ser-no-mundo). Toda a interpretação do diálogo *Sofista* é conduzida a partir desses dois pressupostos que o filósofo já desenvolvera, enquanto buscava as categorias futuras de *Ser e tempo*, durante vários semestres de interpretação de Aristóteles, no começo dos anos 20.

Sabemos das preleções anunciadas por Heidegger que a intenção de se ocupar com dois diálogos de Platão, no semestre de 1924/25, era examinar a condição do filósofo no *Sofista* e a condição do ser humano no *Filebo*. Historiadores nos narram que o filósofo deixou de lado o exame de *Filebo*, para que Gadamer, seu aluno, desenvolvesse sobre ele sua tese de filosofia.

Para quem se interessa em unir todos os fios que terminam, ligando as atividades filosóficas do grupo genial ao redor de Heidegger, revela-se o contexto em que Heidegger situava o diálogo *Filebo*. Em 1946, W. Szilasi publicou a obra *Força e fraqueza do espírito*, na qual examina, do ponto de vista analítico-existencial, os elementos antropológicos presentes no *Filebo*, na *Ética a Nicômaco* e no *Sobre a alma* de Aristóteles.

Podemos assim perceber que a relação de Heidegger com Platão, antes de *Ser e tempo*, consistia numa espécie de campo de provas para os temas centrais de *Ser e tempo* que descobrira nas interpretações da obra de Aristóteles. O filósofo situava-se no contexto de uma discussão filosófica dominado pelos neokantianos que faziam uma leitura apenas kantiana de Platão, sobretudo na direção de uma teoria do conhecimento. Portanto, Heidegger tinha que nadar contra a corrente dominante na interpretação de Platão e, para isso, ganhava força por causa do fio condutor de que se valia, utilizando os temas fundamentais presentes no projeto de *Ser e tempo*.

V

Depois de publicada a obra principal, Heidegger retomou a problemática central de seu projeto na interpretação dos núcleos de dois diálogos platônicos. Da *República* Heidegger toma o Mito da caverna para uma interpretação do problema da verdade, e, por outro lado, do *Teeteto* o filósofo faz uma leitura com a intenção de chegar à essência da não-verdade.

Assim como o *Sofista* fora a obra do último filósofo que Heidegger interpretaria sistematicamente antes de *Ser e tempo*, confirmando já os propósitos fundamentais do livro e assim da obra do I Heidegger, assim também Platão é o último filósofo que Heidegger utiliza para acenar, com uma interpretação magistral, para a passagem para o II Heidegger. O comentário desses dois diálogos foi publicado na obra de Heidegger intitulada *Da essência da verdade – Comentários sobre a Parábola da caverna e Teeteto* (Heidegger, 1988).

A interpretação heideggeriana de Platão, de antes de *Ser e tempo*, é marcada pela idéia fundamental de que o filósofo representava uma espécie de milagre na filosofia grega, com a obra monumental dos diálogos, onde estavam semeados todos os conceitos fundamentais da filosofia ocidental que encontrariam em Aristóteles um primeiro grande explicitador.

Mas, se Platão representava esse lugar central para a filosofia ocidental, nele se deveriam descobrir os sinais que vinham dos pré-socráticos, na forma de um primeiro manifestar-se, encontrando em Platão uma sistematização mítico-poética enriquecedora e, ao mesmo tempo, encobridora. É por isso que Heidegger pode usar o Mito da caverna e o diálogo *Teeteto* para mostrar as razões de, para ele, em Platão ter-se iniciado um movimento de encobrimento daquilo que os diálogos ainda deixavam entrever, dos pré-socráticos. Nesse sentido, Heidegger realmente anuncia a viravolta da analítica-existencial para a história do ser através de um exame do modo de filosofar de Platão.

VI

Heidegger mostra, no exame do tema da alma, no *Teeteto*, que Platão estava acuado com a multiplicidade do sensível que atingia a *psyché*. A unidade da alma só podia ser dada se ela fosse uma *idéa*. Heidegger diz: "Quando Platão usa essa palavra, não se vê hoje e, desde há muito, nada surpreendente e nada problemático; pois Platão é o 'inventor' da 'doutrina das idéias'. Esta denominação, de cujo desenvolvimento e posterior denominação, certamente, já Aristóteles não deixa de participar, é a mais cheia de conseqüências desastrosas que poderiam acontecer ao filosofar platônico. Pois, com isso, a alma foi reduzida a uma fórmula, e isso quer dizer que foi morta e, num sentido propriamente filosófico, tornada sem efeito. Quando topamos em Platão, e precisamente nessa passagem, com a palavra *idéa*, não devemos interpretar isso com o auxílio de representações ordinárias de idéia e doutrina das idéias. Mas, de modo inverso, devemos sempre compreender que Platão quer dizer com a palavra *idéa* aquilo que está em relação com o mais íntimo de seu perguntar filosófico, aquilo que abre este perguntar e o conduz e que durante toda a vida *permaneceu*, para Platão, uma pergunta. Em vez de 'esclarecer' a partir da deserta representação de escola de uma assim chamada doutrina platônica das idéias, devemos compreender, a partir do contexto de nossa interpretação, a possibilidade e a necessidade do surgimento dessa palavra *idéa* e o surgimento, aliás, espantoso nessa etapa de nossa interpretação. Somente assim podemos encontrar para a palavra *idéa* um significado extraído a partir da coisa mesma, em vez de tudo se *trancar* na *idéa* e assim dar-se decisão sobre *alétheia* e *ousía* e com isso definitivamente para a *metafísica*" (Heidegger, 1988, p. 172-173).

Essa passagem da interpretação de Heidegger pressupõe já um longo caminho andado e também muitas definições da alma ouvidas da psicologia. Para Heidegger, com isso, todo ser humano é reduzido a algo limitado pelo representar, portanto, há uma relação em que a alma é o caminho pelo qual o corpo se engancha nas coisas. Heidegger diz que

em que medida agora a alma e a intenção do diálogo se desmascara e preenche, não precisa de nenhuma explicação. 'Alma' serve como nome para a relação com ser (presentificação da aparência) e com isso para desvelamento. Introduzidos, nessa relação, o corpo e o ser vivo são aquilo em que o ser humano histórico é (Heidegger, 1988, p. 178).

O que Heidegger quer mostrar aqui é que se introduziu um dualismo em que parece toda a dimensão existencial do ser humano. A força com que o filósofo se refere a esse dualismo lhe vem daquilo que ele desenvolvera na interpretação do Mito da caverna e, sobretudo, de temas que havia tratado na sua antropologia filosófica que havia desenvolvido, no semestre de inverno de 1929/30, com o nome *Problemas fundamentais da metafísica – mundo, finitude, solidão*. É sobretudo nesta obra, que Heidegger procura ultrapassar a tradicional definição do homem como ser vivo racional, definindo-o como ser formador de mundo.

Podemos esclarecer o contexto da crítica a Platão a partir de um texto de Heidegger:

Que significa "idéia"? Com esta pergunta tocamos na parte fundamental na constituição da existência espiritual do Ocidente. Pois, com o auxílio da doutrina platônica das idéias, foi desenvolvido o conceito cristão de Deus e, com isso, formado o padrão para a concepção de todos os restantes entes (não-divinos). Com o auxílio da doutrina das idéias, surgiu o conceito moderno de razão, a época do Iluminismo e o império da racionalidade e com isso também o movimento de oposição do período clássico e romântico alemão. A conexão das duas forças, completada em Hegel, é a consumação cristã do platonismo (com forma cristã) da antigüidade e um movimento oposto, com seus próprios meios e forças: a doutrina das ideologias e toda a sistemática de Marx e do marxismo, mas também, numa outra direção, a de Kierkegaard [...]. Desde então, não existe mais uma posição e postura clara, originária, definida, criadora, espiritual e histórica do homem (Heidegger, 1988, p. 324-325).

VII

Heidegger pode ser considerado o autor que fez uma leitura radical de Platão. Mas isso não se restringe apenas a uma interpretação que o tivesse levado às conclusões radicais que apresenta. Não estaríamos compreendendo o modo de Heidegger se relacionar com os filósofos, na história da filosofia, se não percebêssemos uma espécie de visão desenvolvida por Heidegger que vai além do confronto textual. Uma vez definidas certas instâncias de seu trabalho filosófico, e isso ocorre sobretudo no II Heidegger, o filósofo se alia a outros filósofos e a poetas, para dar força a seu modo de julgar os papéis dos filósofos na história da filosofia.

Assim temos, por exemplo, uma situação exemplar no modo como Heidegger se alia com Nietzsche. Em primeiro lugar, assume o veredicto de Nietzsche sobre Platão: "O cristianismo é o platonismo para o povo". Com Nietzsche ouvimos Heidegger dizer: "Não entreis na Caverna de Platão". Como Nietzsche é o arauto do combate contra o dualismo entre sensível e supra-sensível e anuncia a morte de Deus, Heidegger se liga a este profeta do niilismo ocidental. Mas não pensemos que, nesta aliança, Nietzsche saia sem prejuízo. Pelo contrário, Heidegger considera Nietzsche o último grande metafísico, aquele que levou o dualismo de Platão às últimas conseqüências e a seu fim. Dessa maneira, a metafísica de Nietzsche termina sendo vista por Heidegger ainda como uma conseqüência do platonismo, mesmo que Nietzsche afirme o eterno retorno do mesmo, a morte de Deus, a vontade de poder e o além homem. Não há como escapar do dualismo da

metafísica que nos vem de Platão. Mesmo que fiquemos com um dos lados do dualismo, ainda somos determinados por Platão. E mesmo que invertamos os fatores na relação entre sensível e supra-sensível, ou mesmo que substituamos um pelo outro, ainda nos movimentamos naquilo que Heidegger chama a mais trágica consequência do platonismo: ter-nos introduzido numa história que se desenvolveu no ocidente através de uma sucessão de princípios epocais que definem todos os fenômenos da cultura ocidental. Em Platão, temos a identificação do ser com a idéia, confundindo-o, portanto, com um ente, e, assim, passando por Aristóteles, Idade Média, Descartes, Kant, Hegel, até Nietzsche. Em cada um desses filósofos, aparece um ente com o qual o ser é confundido e, portanto, encoberto. Acontece, assim, a história da metafísica como a história do esquecimento do ser. É essa a leitura que Heidegger faz da metafísica ocidental que, numa inversão do movimento hegeliano, se inicia com a aurora do que surge na sua manifestação plena e que passa a entrar em declínio com o encobrimento do ser pela idéia em Platão.

Geralmente conhecemos, de narrativas superficiais, apenas esse lado da ligação de Heidegger com Platão. Mesmo que perdoemos certas manifestações quase proféticas de Heidegger, não podemos ver nelas aquilo que resultou do que Heidegger descobriu em Platão.

VIII

Vimos, no começo, que Heidegger abre *Ser e tempo* com uma citação do *Sofista* de Platão. Nela se trata da expressão “ente”. Com isso, podemos perceber que Heidegger encontra, na filosofia platônica, o problema da formação de conceitos filosóficos. É, aliás, desta formação de conceitos que tratam as melhores páginas da leitura heideggeriana dos diálogos. O filósofo confronta Aristóteles e Platão, através da questão de trazermos os conceitos de volta, do mundo das idéias para o mundo sublunar. É nesta situação, aqui embaixo, que temos que encontrar uma relação com a verdade, um *lógos* próprio e, assim, também para a estrutura desta situação, modos próprios de ser. “Esses modos próprios de ser somente podem ser levados à linguagem, se é pensado o caráter de tempo da situação, portanto, se é propriamente perguntado por *Ser e tempo*” (Pöggeler, 1999, p. 73).

Heidegger não perdoará a Aristóteles, que ele tenha, através de uma determinada opção ontológica, tomado o ser como presença constante. Com isso Aristóteles cria sérios problemas para a pergunta pelo tempo e confunde a questão da experiência do tempo. É verdade que, nessa mesma época, na sua preleção *Os conceitos fundamentais da filosofia antiga*, Heidegger reconhece em Aristóteles um filósofo em que a tendência para o encobrimento do ser, por vezes, é interrompida, vindo a manifestar-se nele de novo o primeiro resplendor originário dos pré-socráticos. Heidegger reconhece essa superação parcial do platonismo, em Aristóteles, justamente por causa da sua percepção do verdadeiro conteúdo do conceito de *alétheia*.

Tomemos um exemplo dessa maneira de Heidegger perceber Platão, isto é, como um lugar de surgimento de conceitos que ainda não tomaram sua forma

definitiva. Aliás, todos sabemos que a tarefa de Sócrates era encontrar conceitos certos para as coisas, isto é, de defini-las. Trata-se do conceito de “instante” que Heidegger ligará ao conceito de “situação”. Somente após várias descobertas em Kierkegaard, Jaspers e outros momentos da experiência de Heidegger, como os Evangelhos e as Cartas de São Paulo, é que ele consegue desenvolver o elemento do instante, do *kairós*, que será decisivo em sua filosofia da existência. Podemos mesmo considerar *Ser e tempo* como uma primeira tentativa de Heidegger desenvolver uma filosofia do instante. Quando ele toma o conceito de existência de Kierkegaard como um modo de ser do ser-aí, o aspecto que mais ressalta é justamente a questão do instante. É assim que Heidegger fala no “instante oportuno”, em “possível a cada instante”, ou no “irromper súbito do sinistro”. O filósofo entra na linguagem dos gregos em que se fala no *kairós*, na *hóra* e na *ákme*. Na análise de Platão, Heidegger topa com o conceito de *exksaiphnes*, o de repente, a subitaneidade. Entretanto, em Platão este “de repente” é um *átupon*, isto é, é um conceito que não tem um lugar no tempo, porque o ser no tempo leva a um limite, isto é, leva ao eterno. Tanto para os textos neo-testamentários como para Kierkegaard, esse “de repente” platônico tem algo a ver com o *kairós*, o momento oportuno. É por ele que o eterno irrompe no tempo, corta a sucessão infinita do tempo. “Somente quando este eterno se cruza com o tempo no instante, pode o tempo arrastar para dentro de si um átomo da eternidade, alcançar presente e assim distinguir entre futuro e passado” (Pöggeler, 1999, p. 68).

É tudo isso que Heidegger leva para dentro de *Ser e tempo*, e assim introduz uma dimensão que não é estranha como pergunta em Platão. Heidegger pensa ter encontrado a solução, na sua analítica-existencial. Como podemos ver, para o leitor cuidadoso, há muito para descobrir na relação entre Heidegger e Platão. Sobretudo quando se trata de enfrentar questões que são conceituais, mas que têm sempre também uma dimensão ligada à própria condição humana.

Podemos encerrar nossa breve interpretação, certos de que quando Heidegger se encontra com Platão, ele o faz para participar da *gigantomaquia tes ousias*.

Referências

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 6. ed. Tübingen: Neomarius Verlag, 1949.

———. (1988). *Vom Wesen der Wahrheit – Zu Platons Höhlengleichnis und Theätet*. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, G.A., v. 34.

———. *Platon: Sophistes*. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, G.A., 1992, v. 19.

———. *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie*. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, G.A., 1993, v. 22.

PÖGgeler, O. *Heidegger in seiner Zeit*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1999.